



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Leonardo Martins Vaz de Oliveira

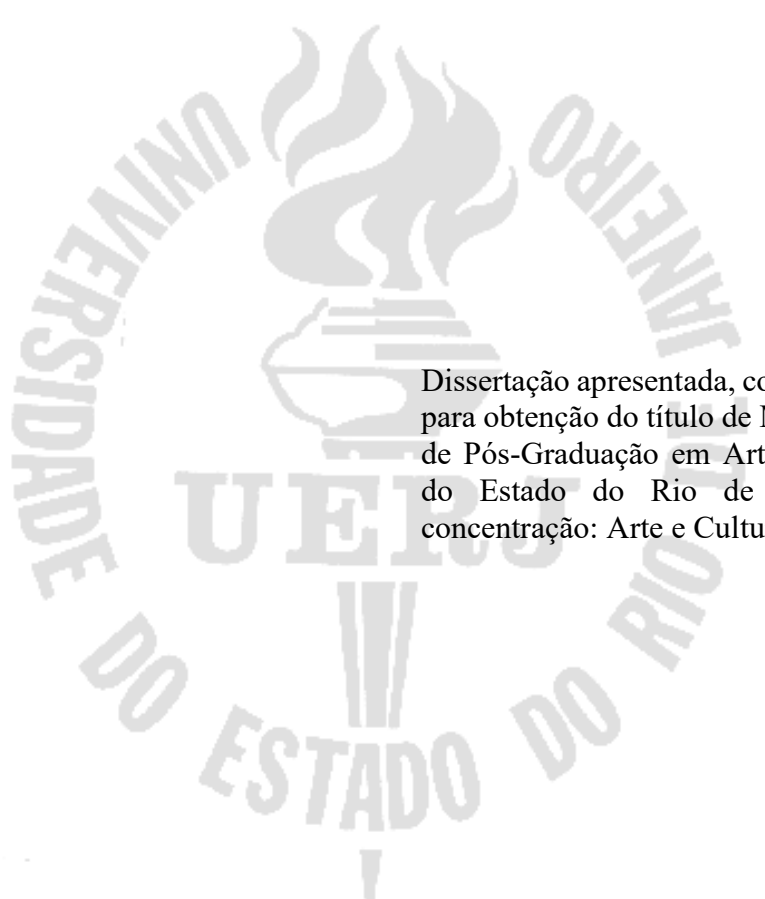
**Avenida Central Rio Branco:
Escombros e progresso em seu DNA**

Rio de Janeiro

2024

Leonardo Martins Vaz de Oliveira

**Avenida Central Rio Branco:
Escombros e progresso em seu DNA**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Trindade Nogueira da Silva

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

O48 Oliveira, Leonardo Martins Vaz de.
Avenida Central Rio Branco: escombros e progresso em seu DNA /
Leonardo Martins Vaz de Oliveira. – 2024.
53 f: il.

Orientador: Mauro Trindade Nogueira da Silva
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Artes.

1. Avenida Rio Branco (Rio de Janeiro, RJ) - Teses. 2. Renovação
urbana - Teses. 3. Rio de Janeiro (RJ) - História - Teses. I. Silva, Mauro
Trindade da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Artes. III. Título.

CDU 711.4

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Leonardo Martins Vaz de Oliveira

**Avenida Central Rio Branco:
Escombros e progresso em seu DNA**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 11 de novembro de 2024.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mauro Trindade Nogueira da Silva (Orientador)
Instituto de Artes - UERJ

Prof. Dr. Guilherme da Silva Bueno
Instituto de Artes - UERJ

Prof. Dr. Joaquim Marçal Ferreira de Andrade
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico a minha saudosa Mãe, Maria Teresa Martins Vaz, estrela na minha caminhada. Pessoa que acreditou genuinamente durante toda a vida no meu sucesso. Apostando alto, muitas vezes, todas as suas fichas, sempre com muita generosidade e sorriso no olhar. Sigo na busca de ser seu espelho.

Dedico também à Meu Pai, Ismael Claro de Oliveira, por toda a força e palavras boas a que me dedica nessa caminhada terrena.

À minha esposa, Renata Nunes de Araujo Fonseca, por toda a parceria, apoio, suporte, incentivo e tempo dedicado a mim e ao que acreditamos. Ter você na minha caminhada deixa tudo mais leve e possível de ser alcançado.

Às minhas filhas que enchem meu peito de alegria e amor, Alicia e Teresa! Cada sorriso trocado é uma certeza no pé no chão e coração sempre em frente.

AGRADECIMENTOS

Especialmente à minha família, meu pai, minha esposa, minhas filhas, sogra, cunhada e meus amigos do coração que me incentivam em tudo que me proponho a fazer.

Ao meu Orientador, Mauro Trindade, pela total disponibilidade e proximidade que construímos, por todo o conhecimento compartilhado, generosidade, risadas e trocas frutíferas. Ao querido Joaquim Marçal, sempre presente, disponível, generoso e incentivador, dede os tempos da minha pós-graduação em Fotografia e Imagem, me fazendo acreditar que podemos sempre avançar.

A UERJ e ao Programa de Pós-graduação em Artes por todo o apoio e estrutura. Ao NPD UFRJ pelo acesso ao acervo do Celso Brado para que pudesse usar uma de suas fotos no trabalho.

A fotografia sempre me espanta, com um espanto que dura e se renova, inesgotavelmente.

Roland Barthes

RESUMO

OLIVEIRA, Leonardo Martins Vaz de. *Avenida Central Rio Branco: escombros e progresso em seu DNA*. 2024. 53 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A constante necessidade da modernização e do avanço para o futuro, muitas vezes nos confunde e não nos permite ver claramente a quantidade de destruição necessária deixada para trás. Com a justificativa do progresso, expulsamos, desestruturamos e arrasamos o já estabelecido. Foi assim na abertura da Avenida Central e, anos depois, em sua verticalização, e segue sendo nas recentes intervenções urbanas. O texto busca correlacionar e articular as intervenções urbanas no tecido do centro da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente na região onde hoje se localiza a Avenida Rio Branco, com o texto de Walter Benjamin *Sobre o Conceito da História*.

Palavras-chave: Avenida Central; Avenida Rio Branco; fotografia; escombros; progresso; modernidade; Walter Benjamin.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Leonardo Martins Vaz de. *Avenida Central Rio Branco: rubble and progress in your DNA*. 2024. 53 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The constant need to modernize and move into the future often confuses us and does not allow us to clearly see the amount of necessary destruction left behind. With the justification of progress, we expel, disrupt and destroy what has already been established. This was the case with the opening of Avenida Central and, years later, with its verticalization, and it continues to be the case in recent urban interventions. The text seeks to correlate and articulate urban interventions in the fabric of the city center of Rio de Janeiro, more precisely in the region where Avenida Rio Branco is located today, with Walter Benjamin's text *Sobre o Conceito da História*.

Keywords: Avenida Central; Avenida Rio Branco; photography; rubble; progress; modernity; Walter Benjamin.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Palu Klee - Angelus Novus, 1920. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Angelus_Novus , acessado em 07 de agosto de 2024 ..	15
Imagem 02 - Mapa do Projeto da Avenida Central e obras complementares. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906.....	19
Imagem 03 - João Martins Torres - Desmonte de parte do Morro do Castelo para a construção da Avenida Central, 1904. Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Instituto Moreira Salles (IMS)	20
Imagem 04 - João Martins Torres – Avenida Central. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	23
Imagem 05- Leonardo Martins - Álbum Avenida Central, 2019. Fonte: Acervo pessoal	23
Imagem 06 - Sobreposições Avenida Central Rio Branco - Leonardo Martins, 2023. Fonte: Acervo pessoal	26
Imagem 07 - Sobreposições Avenida Central Rio Branco - Leonardo Martins, 2023. Fonte: Acervo pessoal	28
Imagem 08 - Manuel Pereira Reis – Mapa da Cidade do Rio de Janeiro, 1900	29
Imagem 09 - Projeto da Avenida Central e obras complementares. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	29
Imagem 10 - Planta da Avenida Central e obras complementares. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	30
Imagem 11 - Marc Ferrez, Panorama do Centro a partir do Morro do Castelo, 1885-1985 - https://pt.wikipedia.org/wiki/	30
Imagem 12 - Marc Ferrez, Panorama do Centro a partir do Morro do Castelo, 1885-1985 - https://pt.wikipedia.org/wiki/	30
Imagem 13- João Martins Torres - Comitativa oficial - início dos trabalhos de construção da Avenida Central 1904	31
Imagem 14- João Martins Torres - Construção da Avenida Central - demolições entre as ruas da Quitanda e do Ouvidor 1904	31
Imagem 15- João Martins Torres - Construção da Avenida Central - obras de	

demolição e de preparação para pavimentação 1904	31
Imagem 16- Torres - Construção da Avenida Central - obras de preparação para pavimentação; trecho em direção à Prainha 1904	31
Imagem 17- João Martins Torres - Demolições em frente ao antigo convento da Ajuda 1904	31
Imagem 18- João Martins Torres - Construção da Avenida Central - plantio de mudas de Pau-Brasil nos passeios 1905	31
Imagem 19 - Luciano Ferrez, Desmonte do Morro do Castelo, 1921-1922. Fonte: Brasileira Fotográfica	32
Imagem 20- Marc Ferrez – Hotel Avenida, 1903-1906. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	33
Imagem 21- Marc Ferrez – Hotel Avenida, 1912. Fonte: Instituto Moreira Salles (IMS)	33
Imagem 22- Marc Ferrez– Hotel Avenida, 1912. Fonte: Instituto Moreira Salles (IMS)	33
Imagem 23- Celso Brando – Edifício Avenida Central, sem data. Fonte: Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação – UFRJ/FAU – Brasil	33
Imagem 24- Marc Ferrez – Edifício Guinle, 1903-1906. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	34
Imagem 25- Anônimo – Edifício Guinle, 1935	34
Imagem 26- Leonardo Martins - Edifício Guinle, 2019. Fonte: Acervo pessoal	34
Imagem 27- Leonardo Martins - Edifício Guinle, 2020. Fonte: Acervo pessoal	34
Imagem 28- Marc Ferrez – Palace Hotel, 1903-1906. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	35
Imagem 29- Anônimo, Palace Hotel, 1910. Fonte: https://vejario.abril.com.br	35
Imagem 30- Anônimo, Palace Hotel, 1919. Fonte: A.C. da Costa Ribeiro – Brasileira Fotográfica	35
Imagem 31- Augusto Malta, Palace Hotel, 1921 – Brasileira Fotográfica	35
Imagem 32- Anônimo, 1952. Fonte: https://visualrecordofarchitecture.wordpress.com	36
Imagem 33- Jablonsky Tibor, S/D – Fonte: http://instagram.com/marquesdoherval	36
Imagem 34- Leonardo Martins – Edifício Marquês do Herval, 2017. Fonte: Acervo pessoal	36

Imagem 35- Leonardo Martins – Edifício Marquês do Herval, 2019. Fonte: Acervo pessoal	36
Imagem 36- Leonardo Martins – Edifício Marquês do Herval, 2019. Fonte: Acervo pessoal	36
Imagem 37- Marc Ferrez – Palácio Monroe, 1903-1906	37
Imagem 38- Augusto Malta – Palácio Monroe, 1910 – Brasiliana Fotográfica	37
Imagem 39- Arquivo O Globo - Palácio Monroe, 1960	37
Imagem 40- Luiz Paulo - Palácio Monroe, 1976 - Arquivo O Globo	38
Imagem 41- Luiz Paulo - Palácio Monroe, 1976 - Arquivo O Globo	38
Imagem 42- Jorge Peter – Praça Manhatma Gandhi, 1976 - Arquivo O Globo	38
Imagem 43- Jorge Peter – Praça Manhatma Gandhi, 1976 - Arquivo O Globo	38
Imagem 44- Arquivo Prefeitura – Praça Manhatma Gandhi, 2021	39
Imagem 45- Leonardo Martins – Praça Manhatma Gandhi, 2015 – Flickr	39
Imagem 46- Marc Ferrez – Prédio 128,130 132, 1903-1906. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	41
Imagem 47- Marc Ferrez – Prédio 128,130 132, 1903-1906. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906	41
Imagem 48- Carlos Bippus. Ressaca, 1913. Avenida Beira Mar, Rio de Janeiro - Acervo IMS	42
Imagem 49- Comparativo de escala entre o Hotel Avenida e o Edifício Avenida Central. Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906 e Henrique Mindlin Associados Arquitetura	44
Imagem 50- Every Building on the Sunset Strip - Harvard Art Museums/Fogg Museum, Margaret Fisher Fund, 1999	44
Imagem 51- Ginza Kaiwai, Ginza Haccho - Artnet.com, 1954	45
Imagem 52- Sobreposições Avenida Central Rio Branco - Leonardo Martins, 2023. Fonte: Acervo pessoal	47
Imagem 53- Marc Ferrez, Cartão Postal Avenida Central - https://albertolopesleiloeiro.com.br , 1907	48

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	A ABERTURA DA AVENIDA E DESEJO DO PROGRESSO	15
2	A MODERNIDADE E O ESCOMBRO	24
3	A MEDIDA DAS TRANSFORMAÇÕES	29
3.1	Hotel Avenida – Edifício Avenida Central	33
3.2	Edifício Guinle	34
3.3	Palace Hotel/ Edifício Marquês do Herval	35
3.4	Palácio Monroe	37
4	O ENSAIO VISUAL AVENIDA CENTRAL RIO BRANCO	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Começo esse texto que forma a dissertação com o ensaio visual, Avenida Central Rio Branco – Escombros e Progresso em seu DNA, de um lugar quase obrigatório e necessário para que possamos entender toda a minha motivação e envolvimento com o trabalho: o entrelace da minha história com a Arquitetura, Urbanismo e Fotografia.

Desde meus primeiros anos de formação em Arquitetura e Urbanismo a utilização e apropriação de imagens se fez presente, seja na busca por uma melhor representação de projeto quanto no registro das atividades realizadas, como esquemas e maquetes de estudo. Durante o curso pude me aprofundar na produção de imagens 3D que facilitavam o entendimento e ilustravam os projetos. Montagens digitais, colagens para representar e explicar as intervenções urbanas se tornaram cada vez mais presentes e foram ganhando importância e interesse.

A fotografia permeou o aprendizado e foi se alinhando como forma de construção de referências e documentação de obras arquitetônicas. Desde pequeno a Fotografia está presente na minha vida, inicialmente como registros de família e logo subiu um degrau quando virou especialidade no grupo escoteiro do qual fiz parte. O encantamento com as câmeras e os filmes me acompanharam até a migração para as digitais.

No desenvolvimento do meu trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo, em 2010, fotografei todas as fachadas da rua do Lavradio, na Lapa, pouco antes do Google Street View¹ estar disponível no Brasil. Desenvolvi uma técnica de captura das imagens que facilitasse a correção de perspectiva e alinhamento das edificações, para uma posterior montagem e utilização nas imagens finais do projeto de desenho urbano. Esse foi o meu primeiro momento registrando uma rua e que despertou o interesse na documentação e na problematização da evolução urbana através das imagens.

Em 2012 a minha relação com a fotografia sofreu mais uma mudança, após uma série de cursos básicos e alguns avançados, um mergulho no universo das imagens e a entrada no mercado de fotografia profissional. Depois de um primeiro momento registrando eventos, logo me encaminho para a fotografia de arquitetura e cidades. Desde então registro a produção de alguns escritórios no Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 2018 iniciei a pós-graduação em Fotografia e Imagem e avancei nos estudos em

¹ O Google Street View é uma funcionalidade do Google Maps que usa imagens panorâmicas em 360 graus para criar uma representação virtual de um local.

História da Arte e fotografia. Desenvolvi como trabalho final, um ensaio visual sobre a Avenida Central e o Marc Ferrez, chamado Avenida Rio Branco - 14 de setembro de 2018 - 15 de novembro de 2019 onde, através da montagem de dois leporellos², sobrepos as fotografias feitas por Marc Ferrez dos edifícios da Avenida Central, quando da data de sua abertura, às fotografias que realizei da Avenida Rio Branco entre 2019 e 2020. Fiz a montagem das fotos individuais das edificações tal qual a avenida da época e imprimir em papel vegetal para que pudéssemos sobrepor às fotos da avenida contemporânea, que fotografei à semelhança do que havia feito com a rua do Lavradio em 2010.

Esse trabalho teve muitos desdobramentos e foi selecionado para o Festival de Fotografia de Tiradentes, na Mostra de Portfólios, ganhou o Prêmio de Fotografia de Celular no FotoRio – Festival de Fotografia do Rio de Janeiro - de 2020. Em 2023, a boneca do livro foi selecionada para a Ronda de Portfólios³ do Festival Internacional de Valparaíso, no Chile, e em 2024 para a Ronda de Portfólios do Festival de Fotografia Impressa de Córdoba, Argentina.

Durante todo o tempo que estive debruçado sobre esse trabalho, o que sempre me saltou aos olhos foi a transformação que essa Avenida sofreu em um intervalo relativamente curto de tempo. A Avenida que foi aberta no início do século XX com o ideal sanitizante e modernizador para uma capital recém abolicionista, e em menos de 40 anos já sofria transformações e verticalizações em um movimento constante de modernização, sempre de olho no progresso.

Ao trazer o trabalho para o mestrado, minha ideia era continuar desenvolvendo imagneticamente esse produto de sobreposições, reimaginando esse diálogo de épocas e edificações e buscando uma nova representação, ainda mais fácil e ainda mais instigante para essa passagem de tempo curta e tão impressionante para o mesmo local.

Busco fragmentos do momento anterior a existência da avenida, onde a cidade padecia com um número alto de cortiços, ruas estreitas e muitos problemas a enfrentar. Algumas imagens dessa cidade colonial, vistas do antigo morro do castelo são especiais para se ter uma dimensão da abertura dessa avenida que não se baseou em nenhum traçado de outra rua anterior. Foi literalmente um arrasamento do modelo existente e um flerte com o futuro, com o progresso.

² Leporello é o nome que se dá a um livro em forma de harmônio. O nome teve origem na Ópera de Mozart intitulada Don Giovanni. A personagem Leporello tinha como tarefa apontar num livro (em forma de harmônio) o nome de todas as mulheres que Don Giovanni seduziu.

³ Ronda de Portfólios é um espaço criado pela CEF (Centro de Estudos Fotográficos - organização produtora do Festival de Fotografia Impressa de Córdoba) para conhecer, investigar e compartilhar publicações fotográficas de diversas origens e materializações (fotolivros, maquetes, fanzines, autopublicações, edições tradicionais, entre outros formatos). A Ronda de Publicações é um encontro horizontal, entendendo sua potência como um momento de troca de formas de fazer e pensar a imagem em seu formato editorial, o que permite estabelecer e fortalecer circuitos/canais/alianças para essas produções.

Imagens das obras também são importantes para entender as movimentações, transformações e a quantidade de escombros produzidos pelo avançar da abertura.

A ligação do porto novo à enseada da glória fez por arrasar centenas de edificações e a deslocar também centenas de moradores para fora do centro. As primeiras grandes remoções e a primeira ocupação de encostas do Rio de Janeiro estão intimamente ligadas.

Essas imagens precedem o ensaio visual propriamente dito, e ilustram as decisões tomadas para a viabilização da empreitada. O desmonte do morro do Castelo magistralmente documentado por Luciano Ferrez, da conta do poder da engenharia a época e de como estávamos imbuídos de mostrar ao mundo que sim, nós éramos o progresso!

Paralelamente ao ensaio visual, elegi alguns estudos de caso, onde através de uma série de imagens procuro mostrar as transformações ocorridas durante a passagem dos anos. As imagens de diferentes momentos desses edifícios, deixam claro como eram orgânicas as transformações e que, em poucos anos, pavimentos inteiros eram acrescentados às edificações e, posteriormente, totalmente substituídas.

1 A ABERTURA DA AVENIDA E O DESEJO DO PROGRESSO

“Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” (Benjamin, 2012, p. 14)

Imagem 1- Angelus Novus



Fonte: Paul Klee, 1920.

No início do século XX, o Rio de Janeiro ainda conservava ares muito coloniais e estava bem distante da imagem progressista das grandes cidades europeias, especialmente de Paris, a capital do século XIX, como escreve Walter Benjamin, repleta de galerias de ferro e vidro, mercados centrais, multidões de transeuntes, flâneurs e de grandes avenidas rasgadas na malha urbana medieval. Enquanto Paris cresceu de cerca de um milhão de habitantes em 1850 para mais 1,7 milhão 11 anos depois⁴, o Rio de Janeiro do final do século XIX era um polo de atração econômica e, em 1890, a população saltou de 520 mil habitantes para mais de 800 mil⁵ em uma década, com a chegada de imigrantes estrangeiros e moradores de outros estados.

Tabela 1 - População nos Censos Demográficos Estado do Rio de Janeiro - 1872/1960

Estado	1872 ¹	1890 ¹	1900 ¹	1920 ¹	1940 ¹	1950 ¹	1960 ²
Rio de Janeiro	274.972	522.651	811.443	1.157.873	1.764.141	2.377.451	3.307.163

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950 e 1960.

(1) População presente. (2) População recenseada.

Além disso, após a abolição da escravidão, milhares de ex-escravizados abandonaram as fazendas do interior do Estado e se dirigiram à capital, em busca de emprego e melhores condições de vida que, quase sempre, não encontravam. Essas migrações aconteceram por múltiplos fatores, os libertos mudavam-se para distanciarem-se dos locais em que foram escravizados, ou então iam para outros lugares procurar parentes e estabelecer-se juntos desses ou até mesmo procurar melhores salários. Uma das questões mais importantes, e que foi definidora para garantir a manutenção do liberto como um indivíduo marginal e subalterno na pirâmide social, foi a questão da terra. Após a abolição não foi realizada uma reforma agrária que distribuisse terras aos libertos, assim, a grande maioria dos 700 mil ex-escravizados, a partir de 1888, não teve acesso à terra, sendo esses forçados a sujeitarem-se aos salários baixos e péssimas condições de trabalho e moradia. Sobre essa época, o escritor Lima Barreto escreve, em crônica de 1915, que “Nunca houve anos no Brasil em que os pretos (...) fossem mais postos à margem.”⁶

⁴ Atlas Historique de Paris. Disponível: <https://paris-atlas-historique.fr/8.html#:~:text=Paris%20atteint%20un%20maximum%20historique,240%20000%20habitants%20en%202014>). Acesso: 20/11/2023.

⁵ IBGE - População nos Censos Demográficos Estado do Rio de Janeiro - 1872/1960. Disponível: <https://web.archive.org/web/20150321185233/http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>. Acesso em 20/11/2023.

⁶ BARRETO, Lima. *Bruzundangas*. São Paulo: Editora Mérito S/A, p. 225, 1952.

Era uma população amontoada na região central da capital federal e que padecia há décadas com epidemias sucessivas. Entre 1830 a 1851, cerca de vinte e três delas ocorreram no Rio, principalmente de febre amarela⁷. As más condições sanitárias cresceram ainda mais com o adensamento urbano. A cidade era insalubre, com diversos surtos que castigavam a população desde o século XVIII e culminaram com a Revolta da Vacina, uma complexa insurreição na qual estão envolvidas questões sanitárias, políticas e sociais que, em 1904 – ou seja, um ano antes da inauguração da Avenida Central –, levaram a um número incerto de mortos e feridos em batalhas de grandes proporções que se espalharam pela cidade, da Urca até o bairro da Saúde⁸. O crescimento desordenado, a grande circulação de pessoas pelas ruas estreitas e as habitações multifamiliares, somadas à falta de estrutura da cidade e saneamento precário, contribuíam para o contágio. Esse contexto tornou-se justificativa para grandes mudanças urbanas que, ao mesmo tempo, expulsaram parte da população mais pobre do Centro da cidade, planejaram a circulação e o consumo de bens dentro de uma nova lógica capitalista e impuseram a ideia de uma cidade limpa e organizada que fosse uma nova imagem da capital do Brasil para o mundo. Finalmente a circulação de ar com a demolição de casas em ruas estreitas e o arrasamento de morros históricos corroboravam com a lógica higienista desenvolvida ainda no século XVII conhecida como Teoria dos Miasmas⁹, que apontava os ambientes insalubres, com má circulação de ar e materiais orgânicos em deterioração como a causa de diversas doenças.

Coube ao político e engenheiro Francisco Pereira Passos (1836 – 1913), prefeito do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, orquestrar as mudanças urbanísticas, claramente inspiradas na reforma de Paris, uma série de projetos de renovação urbana realizados durante o governo de Napoleão III sob a direção do prefeito daquela capital, Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), na segunda metade do século XIX. Esses projetos de intervenção urbana transformaram radicalmente a aparência da cidade dentro do que se chamou de modernização. O arquiteto e historiador italiano Leonardo Benevolo (1923-2017) nota que a urbanística irá desempenhar “um papel importante neste novo ciclo de reformas e transforma-se em um dos mais eficazes instrumentos de poder, especialmente na França”¹⁰. Ele ressalta o caráter múltiplo das reformas urbanas parisienses, que incluem alterações no saneamento com a ampliação dos esgotos e na distribuição de água potável, fundamentais para conter as epidemias que também grassavam

⁷ PAULI, Dante Ragazzi. O saneamento no Brasil. Disponível em https://cetesb.sp.gov.br/proclima/wp-content/uploads/sites/36/2014/11/1sabesp_saneamento_brasil_abes2011.pdf. Acesso em 15/10/2023.

⁸ SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 2001.

⁹ Miasmas - emanações a que se atribuiu a contaminação de doenças infecciosas e epidêmicas.

¹⁰ BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001, p. 92.

naquela cidade. Mas nota a importância da ordenação do arruamento, com avenidas retilíneas e espaçadas, capazes de permitir a passagem de tropas e impedir a construção de barricadas como na Revolução de 1848, temor do presidente e, após um golpe de Estado, Imperador Napoleão III. São criadas leis para expropriação dos terrenos necessários às novas ruas, com aumento da especulação imobiliária e o deslocamento da classe operária para bairros mais afastados.

A urbanística neoconservadora de Haussmann torna-se modelo para diversas cidades. Lyon, Marselha, Toulouse e Montpellier põem abaixo ruas inteiras “cortando os antigos bairros e demolindo muitos edifícios dignos de apreço”¹¹. Em Bruxelas, a cidade baixa é destruída; na capital do México é implantada uma imitação do Champs-Élysées; na Itália as avenidas de linhas retas destroçam cidades históricas como Roma, Bolonha, Nápoles e Turim; Florença, Barcelona, Copenhague, Colônia, Leipzig, Lübeck e Estocolmo também se rendem às mudanças; Viena é cercada pela Ringstraße.

No final do século XIX o centro do Rio de Janeiro estava ocupado por casas de cômodos e cortiços, em sua maioria insalubres e focos de proliferação de doenças. Seus habitantes eram majoritariamente pobres e existia um desejo de retirar essa população dali, bem como melhorar a aparência da cidade e assim, atrair olhares e respeito internacional. Além das construções indesejadas, o morro do Castelo ocupava uma grande área no centro da cidade: do contorno da rua São José, até o largo da Mãe do Bispo – que foi excluído da malha urbana carioca para a abertura de uma praça, a atual Cinelândia, no final da Avenida Central – e terminando suas encostas atrás da Igreja de Santa Luzia, até onde batia o mar. Integrante do centro comercial, político e financeiro do país, esta região vinha sendo motivo de discussão e preocupação por parte das autoridades brasileiras devido ao seu crescimento desordenado e de sua estrutura urbana pelo menos desde o final do século XVIII.¹²

A intenção do prefeito Francisco Pereira Passos ao conduzir as obras do programa de renovação urbana do Distrito Federal - apoiado na ideia de progresso da época -, segundo palavras do historiador André Nunes de Azevedo, era a de tornar o centro da capital federal “um lugar para o convívio ‘civilizado’, um espaço que convidaria os habitantes dos mais diversos locais do Rio de Janeiro a frequentá-lo, uma vez que seria lugar de aprendizado da ética urbana, da civilização que deveria tomar toda a cidade”¹³.

¹¹ Idem, p. 114.

¹² Em 1798, foi elaborado, pelo Senado da Câmara, um questionário acerca da situação sanitária da cidade, a fim de investigar as causas e possíveis soluções sobre as doenças endêmicas e epidêmicas existentes no Rio.

¹³ NUNES de Azevedo, A. (2016). Reforma urbana: civilização e progresso. Dia-Logos: Revista Discente Da

Ficou evidenciada na reforma capitaneada por Pereira Passos o desejo da alteração do uso dos espaços urbanos. A ocupação da cidade do Rio de Janeiro até então não apresentava grandes distinções entre espaços de moradia e espaços de trabalho. A reforma alterou essa relação e estabeleceu sua separação, definindo espaços para produção e circulação de mercadorias e capital – no centro e um zoneamento de ocupação residencial segregado por classes sociais: bairros da zona sul para os mais abastados e os novos bairros do subúrbio para os pobres.¹⁴

Imagem 2 - Mapa do Projeto da Avenida Central e obras complementares



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Avançando na reformulação, similar à Haussmann, no centro do Rio de Janeiro, Pereira Passos abre uma avenida que ligaria o Porto novo à região da Glória: A Avenida Central. Com 1800 metros de comprimento, aspirava-se que ela pudesse receber muitos automóveis que não eram tão comuns até então. O traçado da nova avenida rasgou onze ruas do centro, algumas delas praticamente engolidas pelo traçado da nova e ampla avenida, sendo as ruas da Ajuda e do Ourives as mais afetadas.

Imagem 3- Desmonte de parte do Morro do Castelo para a construção da Avenida Central



Fonte: João Martins Torres, 1904, Instituto Moreira Salles (IMS).

Tivemos assim a primeira grande destruição em nome do progresso do Centro carioca e para sua construção foi necessária a destruição de cerca de 600 casarios, aproximadamente. Muitos cortiços, estalagens e casas de cômodos que abrigavam a população mais pobre e trabalhadora da cidade foram abaixo e as demolições realizadas sem o consentimento dos habitantes. Não era novidade. No século XIX, a cidade estava tomada por um grande número de cortiços, a ponto de um deles ser o protagonista do mais importante romance naturalista brasileiro: *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, de 1890, e que teria sido inspirado numa cabeça-de-porco na rua Assunção, em Botafogo. A própria expressão vinha de outro cortiço localizado na rua Barão de São Félix, no sopé do Morro da Providência que existiu por mais de meio século até ser demolido em 26 de janeiro de 1893 para a abertura do túnel João Ricardo, que só passou a ligar o Centro à Gamboa em 1919. Na fachada do prédio existia uma cabeça de porco feita em metal que batizou todos os cortiços da cidade. Os números são incertos, mas em 1868, “só na freguesia de Santana (onde o Cabeça de Porco ficava), havia mais de 150; em 1884, na mesma região, o número de cortiços chegava a 392”¹⁵. Lima Barreto escreve que “De uma hora

¹⁵ Disponível em <https://riomemorias.com.br/memoria/cabeca-de-porco/>. Acesso: 03/07/2023.

para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muita cenografia.”¹⁶

Para a construção da avenida, foi criada uma Lei em 1903 pelo Senado, que permitia ao Estado desapropriar os imóveis do trajeto mediante um pagamento proporcional ao valor de locação do imóvel sem recurso judiciário, obrigando os moradores a encontrarem novos locais para a construção de suas habitações. Isso ocorreu principalmente nos morros próximos à região central, onde foram construídos barracões de madeiras, que deram origem às favelas cariocas. Iniciado em 1904 a obra da avenida desalojou pessoas, deslocou estabelecimentos comerciais, removeu escombros, loteou terrenos e instalou sistemas de esgoto, água, iluminação e eletricidade. Ruas antes estreitas becos e vielas deram lugar a uma nova avenida de 33 metros de largura.

Para construir a nova imagem da cidade e promover o progresso destruímos moradias e deslocamos a população sem planejamento e demos início à ocupação desordenada dos morros, segregando os mais pobres e os submetendo a viver nas mesmas condições insalubres em que estavam sujeitos, agora mais distantes e sem nenhuma infraestrutura. O que podemos chamar de custo do progresso.

“Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.” (Benjamin, 2012, p. 14)

As novas construções da Avenida Central foram escolhidas através de um concurso de fachadas, a fim de se promover uma unidade e limitar possíveis surpresas. Alguns dos jurados foram o prefeito Pereira Passos, o engenheiro Paulo de Frontin, Lauro Muller (1863 – 1926), ministro da Viação e Obras Públicas; e Oswaldo Cruz (1872 – 1917), diretor-geral da Saúde Pública e responsável pela vacinação obrigatória da população que rendeu muitos protestos à época. Além de edifícios do governo, ergueram-se, na avenida, jornais, clubes, hotéis e sedes de empresas. O calçamento executado em mosaico português, foi feito por artesãos vindos de Portugal. Andar pela Avenida Central era passear pela espinha dorsal do mundo das compras e do lazer dos elegantes, dos negócios e da cultura.

“O carácter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas por isso mesmo vê caminhos por toda a parte, mesmo quando outros esbarram com muros e montanhas. Como, porém, vê por toda a parte um caminho, tem de estar sempre a remover coisas do caminho. Nem sempre com brutalidade, às vezes fá-lo com requinte. Como vê caminhos por toda a parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que o próximo trará. Converte em ruínas tudo o que existe, não pelas ruínas, mas pelo caminho que as atravessa.” (Benjamin, 1987, p. 237)

¹⁶ BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. Brasil, 1922.

Outra passagem importante que mostra a imperatividade do reconstruir, do ímpeto de se avançar ao progresso mostrando poder e força é importante para ilustrar como foi o primeiro momento da abertura da avenida, parte de um plano de modernização da cidade que arrasou para além das construções os morros e moldou uma nova paisagem com aterros na baía de Guanabara, em enorme demonstração de domínio da natureza.

O Morro do Castelo, posto abaixo nessa onda de limpeza e reurbanização da cidade faz parte da história da fundação da cidade. Nele se estabeleceram seus primeiros habitantes e governadores. No morro foi erguida a sua primeira catedral, São Sebastião e a sepultura de Estácio de Sá. Ainda assim, a partir do século XVIII, o pensamento de que o Morro era um dos principais responsáveis pelos problemas sanitários da cidade, pois dificultaria a circulação de ar e manteria os miasmas. E para além do problema sanitário, também envolvia a questão do crescimento da cidade. No início do século XX o seu desmonte seria concretizado

Se o desmonte do morro já levantava muitos debates por conta das questões materiais, ainda tinha toda a memória da cidade. Um dos críticos de seu desmonte foi o escritor Lima Barreto, que escreveu um artigo, na revista *Careta*, de 28 de agosto de 1920, intitulado *Megalomania*, no qual chamava atenção para o descaso com a precariedade das habitações da população mais pobre, considerando que, por consequência, deixaria milhões de desabrigados. O desejo pela modernidade atravessou os dissonantes e o morro foi por água abaixo literalmente, destruído por um sistema moderno, à época: os jatos d'água, restando apenas os registros de fotografos que testemunharam o arrasamento do morro, sobretudo Augusto Malta, fotógrafo oficial da prefeitura da cidade entre 1903 e 1936, que, por meio de suas lentes, capturou as mudanças do espaço urbano da capital, no início do século XX¹⁷.

¹⁷ SIMAS, Daniele. O desmonte do Morro do Castelo. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/o-desmonte-do-morro-do-castelo>. Acessado em 11/03/2024.

Imagem 4 - Vista da Avenida Central



Fonte: João Martins Torres, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A avenida então alcança o objetivo planejado, se torna o ícone do progresso, nela estão as principais construções e as lojas mais importantes. É fotografada de forma emblemática por Marc Ferrez e sua imagem é difundida para fora do Brasil como a de um lugar moderno e símbolo do avanço. Vive anos de glória, mas o seu tempo é efêmero e uma nova mudança bate à porta já na década de 40.

Imagem 5 - Álbum Avenida Central



Fonte: Leonardo Martins, 2019, Acervo do Artista.

2 A MODERNIDADE E O ESCOMBRO

Novamente um grande fluxo de demolições e ruínas fará parte do cenário local. É necessário modernizar, romper e mostrar que a cidade continua avançando. Seus prédios ecléticos já não representam a modernidade, mas sim um aparente declínio e se faz necessária a verticalização. Novos edifícios de escala imperiosa são erguidos no lugar dos anteriores. De construção em construção vão se perdendo os ícones de outrora e vendo subir prédios sem tanto capricho e rebusco, frutos do novo tempo, da forma e função, onde era necessário mostrar a capacidade construtiva, a verticalização e o adensamento do centro financeiro da cidade. Assim afastamos o sol de suas calçadas, mudamos a escala e a sensação de andar a pé pela avenida.

A Avenida que liga a Praça Mauá à Avenida Beira Mar viu nascer em uma de suas “pontas” a Cinelândia, após a demolição do Convento da Ajuda em 1911. Palco da efervescente vida noturna, adquiriu representatividade como centro de lazer, no qual a indústria cinematográfica teve significativa influência no modo de vida da época, ditando comportamentos e costumes reproduzidos e exibidos pela sociedade nos espaços públicos.

Até meados da década de 1950 a Cinelândia se manteve como importante lugar de lazer e cultura da cidade. Sua decadência foi estimulada pela mudança da Capital Federal para Brasília, em 1960, junto do surgimento de novas centralidades na cidade.

Nas décadas de 1960 e 1970, a cidade experimentou um movimento de intensa verticalização, estimulado pelo período de desenvolvimento conhecido como “milagre econômico brasileiro”. Conforme diz Roberto Magalhães¹⁸, esse processo foi realizado “às custas da demolição de grande parte do acervo arquitetônico do passado” e produziu acaloradas discussões, entre os que defendiam a preservação do conjunto e os que defendiam sua substituição por novas edificações frutos do movimento modernista.

Nessa queda de braço foi demolido o Palácio Monroe em 1976, que havia sido projetado para ser o Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de 1904, ocorrida em Saint-Louis, nos Estados Unidos, transportado para o Brasil e inaugurado após a abertura da Avenida Central. Com uma canetada de Lucio Costa, veio a determinação para a demolição, com uma justificativa de atrapalhar a expansão do metrô, que posteriormente foi desmentida e teve até o seu trajeto modificado para não colocar em risco a construção. Foi substituído pela Praça

¹⁸ MAGALHÃES, Roberto Anderson M. *Preservação e requalificação do centro do Rio nas décadas de 1980 e 1990: A construção de um objetivo difuso*. São Paulo, Unesp, 2002, p. 1.

Mahatma Gandhi, liberando a vista para o Aterro do Flamengo. Mas a praça da Cinelândia sofreu perdas significativas em sua ambiência, onde foram desfiguradas sua qualidade estética dos tempos áureos, sua história e sua identidade.

Nas décadas de 1980 e 1990 o processo de decadência e esvaziamento do centro da cidade se acentuou com o agravamento das crises econômica, social e urbana.

“Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” (Benjamin, 2012, p. 14)

Foram poucos os representantes da majestosa Avenida Central que “sobreviveram” ao ímpeto destrutivo, em seu lugar, paredões de escritórios depositam suas sombras nas calçadas ainda preservadas, mas com muito menos pompa e elegância nos caminhares. A Avenida se distancia dos pedestres e se volta aos automóveis e apresenta um fluxo frenético rumo ao desenvolvimento.

Sua importância não diminui, se acentua, segue sendo palco de grandes carnavais, manifestações políticas, encontros, desencontros. Uma grande artéria da cidade, cruzando o centro em direção à Zona Sul. Tem na Cinelândia a força dos novos tempos. Muitos cinemas, vida social e noturna, o coração da cidade que pulsa e convida os habitantes para suas calçadas. E assim segue sendo palco de grandes intervenções urbanas ao longo dos anos. Vê o metrô ser implementado na cidade, rasgando as ruas próximas, evitando comprometer o conjunto preservado dos tempos mais gloriosos. Vê o cinema de rua, tão popular e que movimentava as noites, perder a força e lentamente desaparecer. Vê a ascensão e queda do transporte rodoviário que ditava o sentido e a organização dos pontos e sinais perder espaço para um longo caminho pedonal. E agora, no século XXI recebe mais uma grande intervenção nos moldes modernizadores de outrora: o VLT (Veículo leve sob trilhos).

“Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado.” (Benjamin, 2012, p. 14)

Com as grandes obras em função da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, os olhos se voltaram novamente para a Avenida Rio Branco, que virou o cenário ideal para a implantação deste novo modal de transporte do momento. Curiosamente quase que uma retratação com a Avenida que mesmo o Centro sendo palco dos antigos bondes, viu timidamente os bondes chegarem apenas ao Hotel Avenida, mas agora sim eles trafegam com pompa e elegância por seu eixo.

Com a chegada dos VLTs a sua via foi novamente reestruturada, emprestando metade de sua faixa circulável para os trens. Situação impensável no auge da corrida do ciclo da borracha. Paralelamente à implantação dos trilhos, teve um grande trecho dedicado aos pedestres e mudando parcialmente o fluxo de veículos, protegendo o seu conjunto histórico da trepidação inevitável ocasionada pela circulação dos grandes veículos, e permitindo a criação de uma ciclovia e um caminho pedonal junto à linha do novo bonde. E trazendo para a avenida novos ventos da modernidade e criando mais escombros e reconstruções. Renovações e reinvenções. Um sopro de futuro e um flerte com o passado, resgatando uma forma de circulação antiga repaginada com a tecnologia.

Imagem 6 - Sobreposições Avenida Central Rio Branco



Fonte: Leonardo Martins, 2023, Acervo do Artista.

Benjamin argumenta que na cidade moderna, o passado e o presente estão interligados de maneira única. Através da metáfora da "ruína" descreve como a modernidade destrói e substitui rapidamente estruturas e modos de vida do passado, criando uma sensação de transitoriedade e fragmentação. Ao mesmo tempo, Benjamin acredita que essa destruição e transformação constantes também criam oportunidades para uma nova forma de experiência estética e histórica.

Para o filósofo, a modernidade é caracterizada por uma ruptura radical com a continuidade histórica e pela perda de autenticidade. Ele argumenta que o passado é frequentemente reduzido a uma série de fragmentos, mas esses fragmentos também podem ser reorganizados de maneiras inovadoras, criando novas possibilidades de compreensão e apreciação da história e da cultura.

A ideia da "teoria da ruína" de Benjamin reflete uma visão crítica da modernidade, destacando como a busca incessante pelo progresso material e tecnológico pode resultar em alienação e perda de conexão com o passado. Embora Benjamin não seja otimista em relação ao progresso contínuo, ele valoriza a capacidade da arte, da literatura e da cultura para resgatar os fragmentos do passado e criar formas de consciência histórica e estética.

Assim, a teoria é uma reflexão sobre a complexa relação entre a modernidade, a história e a experiência cultural, destacando como a ruína e a destruição fazem parte intrínseca da vida urbana e da experiência temporal na sociedade contemporânea.

O Anjo da História ao qual Walter Benjamin traça um paralelo com o Angelus Novus do quadro de Klee, é capaz de enxergar o que ainda não vemos, uma ruína que está aos nossos pés, mas que ainda não materializamos. É possível perceber esse anjo presente no espectro da Avenida Central, olhando assustado para a demolição dos cortiços e estalagens que dariam lugar à essa Avenida majestosa e já vendo suas primeiras ruínas rapidamente aparecendo e sendo retiradas para o crescimento de novos arranha-céus.

Ele vê o Futuro, ele enxerga o "progresso". A força do progresso cria um tempo contínuo, onde a destruição é substituída por novas destruições.

Em tão pouco tempo um espaço que foi concebido para ser o que existia de mais moderno e simbólico é desmontado para dar lugar ao que agora sim, é o mais avançado e urgente naquele momento. A ideia de modernidade é fugaz e necessita sempre de uma reinvenção. O moderno hoje será ultrapassado novamente amanhã. Um ciclo ininterrupto de reconstruções sobre os mesmos escombros.

O caráter destrutivo tem a consciência do homem histórico, cuja afecção fundamental é a de uma desconfiança insuperável na marcha das coisas, e a disposição para, a cada momento, tomar consciência de que essas coisas podem correr mal. Por isso, o caráter destrutivo é a imagem viva da fiabilidade.

A avenida reflete a transformação do espaço urbano ao longo do tempo, mas também à perda de sua identidade à medida que o ambiente foi moldado por novas e dinâmicas construções.

Imagem 7 - Sobreposições Avenida Central Rio Branco



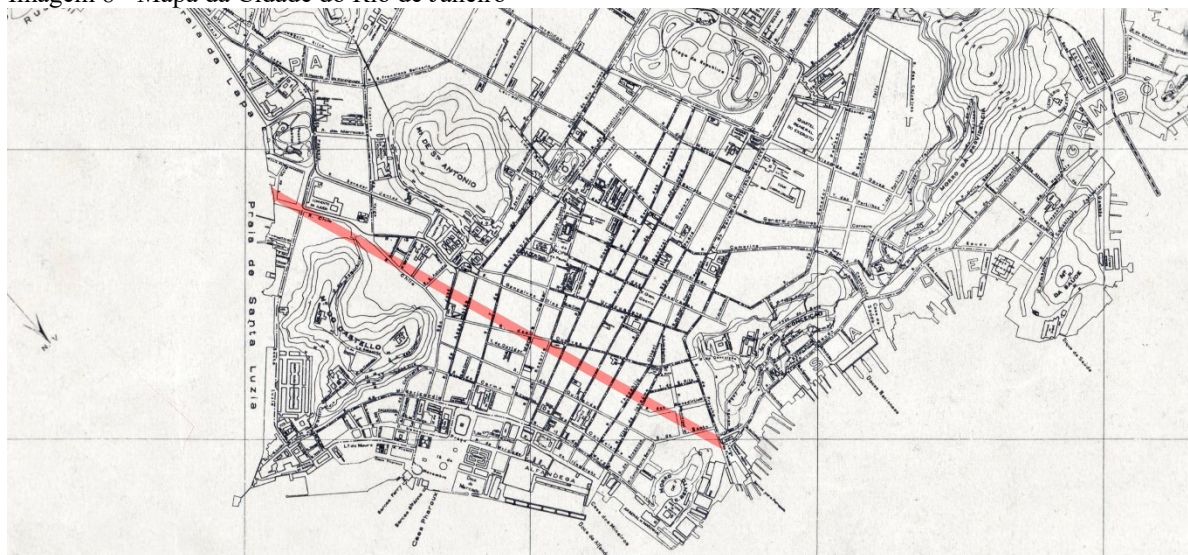
Fonte: Leonardo Martins, 2023, Acervo do Artista.

3 A MEDIDA DAS TRANSFORMAÇÕES

As transformações realizadas na área onde rasgou-se a Avenida Central foram monumentais. Uma área densamente habitada foi arrasada para sua abertura e pouco tempo depois os acréscimos e as substituições das edificações ocorreram em ritmo acelerado.

Na imagem 08, abaixo, podemos ter uma dimensão do arrasamento para a abertura da via. Como vemos, a Avenida não segue um traçado já aberto, o que faz com que em toda a sua extensão seja necessária demolições e remoções.

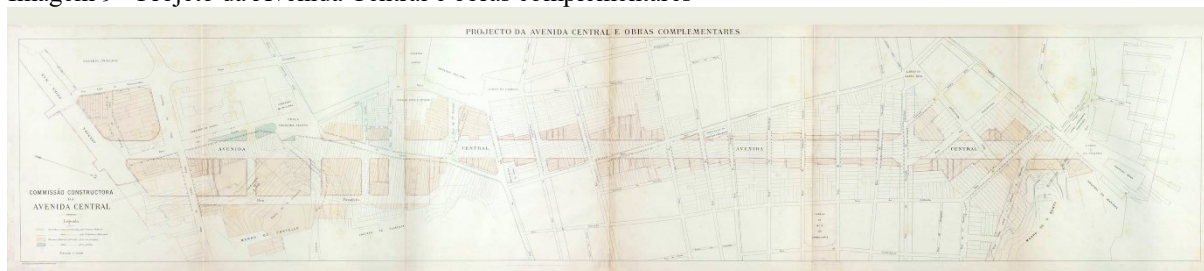
Imagem 8 - Mapa da Cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Manuel Pereira Reis, 1900.

Nos mapas que fazem parte do Álbum de Marc Ferrez, imagens 09 e 10, fica mais evidente a imperiosa transformação do centro da Capital Federal. Visualizamos a delimitação dos novos quarteirões sobre as edificações existentes, deixando claro que o que se buscava, para além de uma jornada ao progresso, era a substituição das edificações, retirada de seus moradores e a renovação da imagem do Brasil como um país desenvolvido e com capacidade de caminhar junto aos ideais das principais capitais mundiais.

Imagem 9 - Projeto da Avenida Central e obras complementares



Fonte: Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Imagem 10 - Planta da Avenida Central e obras complementares



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

As duas panorâmicas realizadas por Marc Ferrez do alto do Morro do Castelo, entre 1885 e 1895, nos permitem visualizar essa capital colonial da qual se queria afastamento.

Imagem 11 - Panorama do Centro a partir do Morro do Castelo



Fonte: Marc Ferrez, 1885-1885.

Imagem 12 - Panorama do Centro a partir do Morro do Castelo



Fonte: Marc Ferrez, 1885-1885.

João Martins Torres documenta o início da movimentação das demolições, como vemos nas imagens abaixo, para a construção da Avenida. Um misto de escombros e homens

trabalhando compõem o período da primeira grande transformação do local.

Imagem 13 - Comitativa oficial, início dos trabalhos de construção da Avenida Central



Fonte: João Martins Torres, 1904, Brasileira Fotográfica.

Imagem 14 - Avenida Central - demolições entre as ruas da Quitanda e do Ouvidor



Fonte: João Martins Torres, 1904, Brasileira Fotográfica.

Imagem 15 - Avenida Central - obras de demolição e de preparação para pavimentação



Fonte: João Martins Torres, 1904, Brasileira Fotográfica.

Imagem 16 - Avenida Central - obras de preparação para pavimentação; trecho em direção à Prainha



Fonte: João Martins Torres, 1904, Brasileira Fotográfica.

Imagem 17 - Demolições em frente ao antigo convento da Ajuda



Fonte: João Martins Torres, 1904 – Brasileira Fotográfica.

Imagem 18 - Avenida Central, plantio de mudas de Pau-Brasil nos passeios



Fonte: João Martins Torres, 1904 – Brasileira Fotográfica.

No ciclo de demolições e arrasamentos quem também não tinha lugar na nova cidade que se desenhava era o Morro do Castelo. Local onde a cidade teve início, e que outrora tinha uma grande importância ao ponto de abrigar a Igreja de São Sebastião dos Capuchinhos, que era o templo do padroeiro da cidade. A igreja, inaugurada em 1583, abrigava os ossos do fundador da cidade, Estácio de Sá, e era um dos principais locais da festa de São Sebastião. O convento dos capuchinhos também foi destruído, juntamente com outros prédios históricos, como o Colégio dos Jesuítas, o primeiro colégio do Rio de Janeiro.

A primeira etapa do desmonte foi feita para dar passagem à avenida Central, atual Rio Branco. Mas o morro desapareceu mesmo em 1920. Desde o começo do século XIX se falava em arrasar a “colina sagrada” da fundação do Rio a pretexto de “higienizar” a cidade. Às vésperas do centenário da Independência do Brasil, surgiu a ideia: era preciso abrir espaço para a grande Exposição Internacional que não só festejaria com pompa o Sete de Setembro em 1922, como transformaria o Rio numa grande vitrine mundial do progresso.

A terra do desmonte do morro serviu para aterrar parte da região central da cidade, fazendo desaparecer a praia de Santa Luzia e dando origem a um pedaço do que mais tarde se tornou o aterro do Flamengo. Se olharmos bem, ainda há vestígios do morro do Castelo no Rio de hoje. A ladeira da Misericórdia, com seus tímidos 30 metros, é a única rua que sobrou do morro e fica ao final da rua de mesmo nome.

Imagem 19 - Desmonte do Morro do Castelo



Fonte: Luciano Ferrez, 1921-1922, Brasiliana Fotográfica.

Após a inauguração da Avenida Central e a consolidação das edificações como referências do moderno e da boa arquitetura, não tardou para a necessidade constante de progresso fizesse as primeiras vítimas. Edificações começaram a receber acréscimos, aumentando suas áreas úteis e de certa forma, descaracterizando sua forma original.

A fim de ilustrar essas transformações ocorridas em um curto intervalo de tempo entre a inauguração da avenida e as primeiras modificações, apresento algumas edificações, as quais chamo de estudo de caso. Através das imagens conseguimos visualizar as alterações e, posteriormente, a completa substituição das edificações.

3.1 Hotel Avenida – Avenida Central 152, 154, 156, 158, 160, 162

Imagem 20 - Hotel Avenida



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Imagem 21 - Hotel Avenida



Fonte: Marc Ferrez, 1912, IMS.

Imagem 22 - Hotel Avenida



Fonte: Marc Ferrez, 1912, IMS.

Imagem 23 - Edifício Avenida Central



Fonte: Celso Brando, Sem Data, Acervo NPD UFRJ.

3.2 Edifício Guinle – Avenida Central 135, 137 e 139

Imagem 24 - Edifício Guinle



Fonte: Marc Ferrez, 1903-06, Avenida Central, 8 de marco de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Imagem 25 - Edifício Guinle



Fonte: Anônimo, 1935, Brasileira Fotográfica.

Imagem 26 - Edifício Guinle



Fonte: Leonardo Martins, 2019, Acervo do Artista.

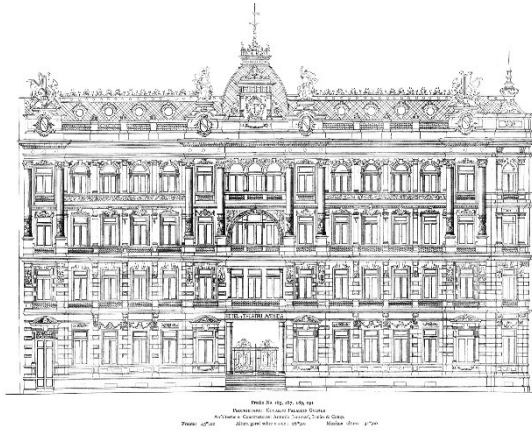
Imagem 27: Edifício Guinle



Fonte: Leonardo Martins, 2020, Acervo do Artista.

3.3 Palace Hotel/ Edifício Marquês do Herval – Avenida Central 185, 187, 189 e 191

Imagem 28 - Palace Hotel



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Imagem 29 - Palace Hotel



Fonte: Anônimo, 1910.

Imagem 30 - Palace Hotel



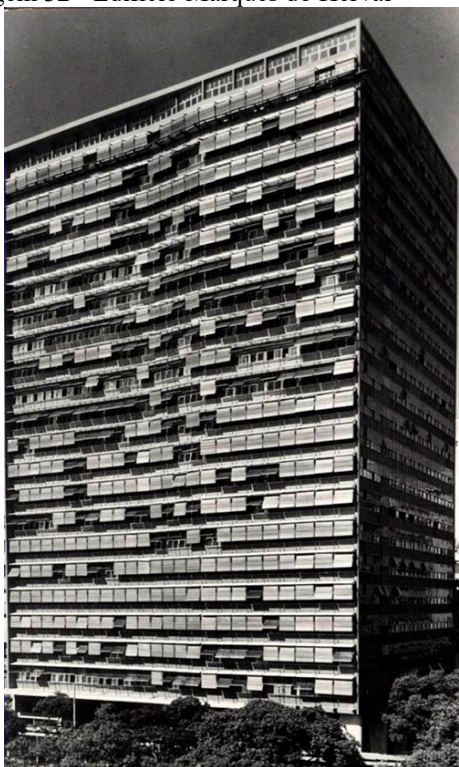
Fonte: A.C. da Costa Ribeiro, 1919, Brasileira Fotográfica.

Imagem 31 - Palace Hotel



Fonte: Augusto Malta, 1921, Brasileira Fotográfica.

Imagem 32 - Edifício Marquês do Herval



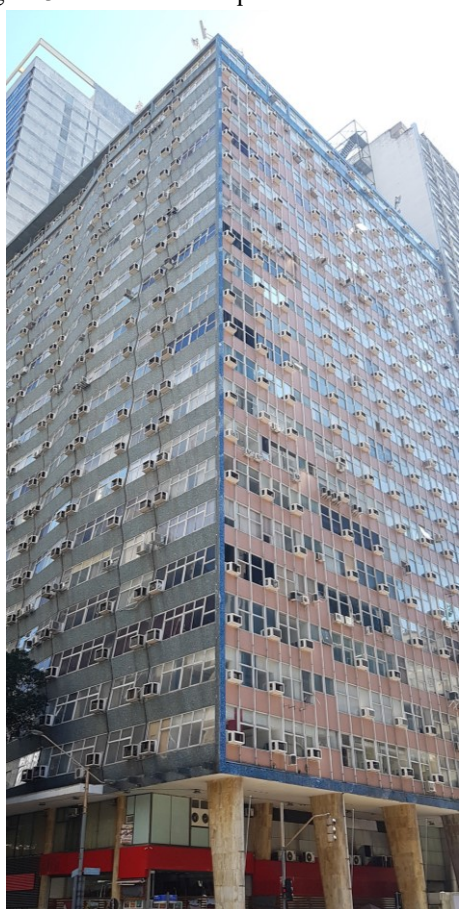
Fonte: Anônimo, 1952.

Imagem 33 - Edifício Marquês do Herval



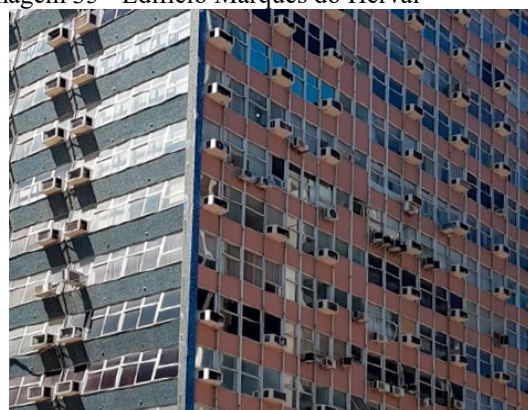
Fonte: Jablonsky Tibor, S/D.

Imagem 34 - Edifício Marquês do Herval



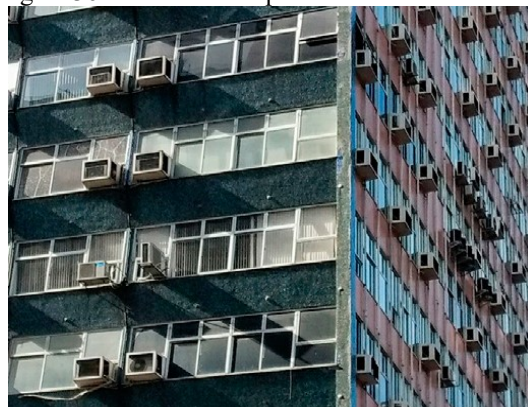
Fonte: Leonardo Martins, 2017, Acervo do Artista.

Imagem 35 - Edifício Marquês do Herval



Fonte: Leonardo Martins, 2019, Acervo do Artista.

Imagem 36 - Edifício Marquês do Herval



Fonte: Leonardo Martins, 2019, Acervo do Artista.

3.4 Palácio Monroe – Avenida Central S/N

Imagem 37 - Palácio Monroe



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Imagem 38 - Palácio Monroe



Fonte: Augusto Malta, 1910, Brasileira Fotográfica.

Imagem 39 - Palácio Monroe



Fonte: Arquivo O Globo, 1960.

Imagem 40 - Palácio Monroe



Fonte: Luiz Paulo, 1976, Arquivo O Globo.

Imagem 41 - Palácio Monroe



Fonte: Luiz Paulo, 1976, Arquivo O Globo.

Imagem 42 - Praça Manhatma Gandhi



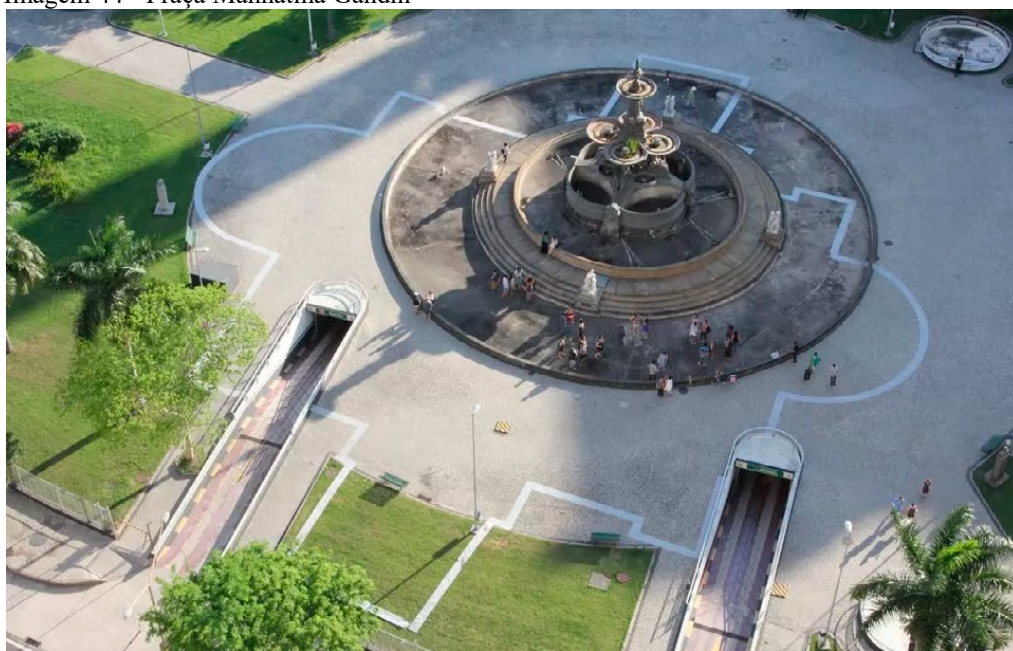
Fonte: Jorge Peter, 1976, Arquivo O Globo.

Imagem 43 - Praça Manhatma Gandhi



Fonte: Jorge Peter, 1976, Arquivo O Globo.

Imagem 44 - Praça Manhatma Gandhi



Fonte: Arquivo Prefeitura, 2021.

Imagem 45 - Praça Manhatma Gandhi



Fonte: Leonardo Martins, 2015, Flickr.

4 ENSAIO VISUAL AVENIDA CENTRAL RIO BRANCO

Não se pode afirmar se, quando Marc Ferrez realizou o emblemático registro de uma recém-inaugurada Avenida Central, em seu álbum “Avenida Central: 8 de março de 1903-15 de novembro de 1906”, ele tivesse a clareza do potencial fotográfico e documental que essa obra teria para as próximas gerações. Mas para além do rigor técnico esperado e maestria documental contratada, o seu álbum capturou também o esplendor de uma época: a Belle Époque e a abertura da Avenida na Capital Federal, mais importante do Brasil até então.

Ferrez foi contratado pela Comissão da Avenida Central com o objetivo de documentar todos os desenhos de fachada da Avenida, através de cópias que se valiam de métodos litográficos e as fachadas já construídas, através da fotografia. A edição original de seu Álbum, consiste em uma caixa com 3 plantas de situação, 118 pranchas de 45 folhas soltas. Suas dimensões são de 52,5 cm x 42,5 cm.

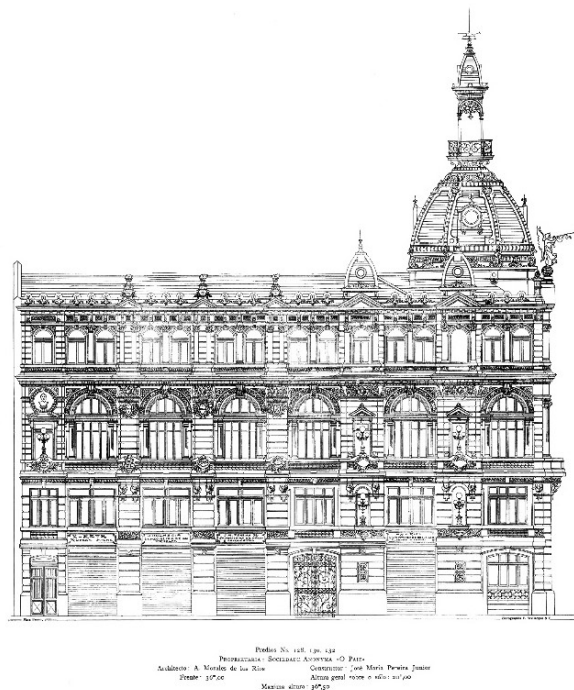
Em seu trabalho, Ferrez contrapôs reproduções das vistas de fachadas das edificações às fotografias, produzidas com minucioso cuidado e fidelidade na escolha dos ângulos. Tão importante foi o seu registro que suas fotografias foram fundamentais para a construção e difusão da nova imagem do Rio de Janeiro, uma imagem associada aos ideais de civilização e progresso. A cidade que se modernizava e aumentava sua escala ganhou um documento até então sem precedentes. Era preciso valorizar e registrar os avanços do País que almejava ser a Paris dos Trópicos.

“Há mais de um século, o nome do fotógrafo Marc Ferrez está associado, no Brasil e no exterior, às “esplêndidas paisagens” do Rio de Janeiro. Os panoramas de Ferrez sempre foram reconhecidos como tão belos quanto o cenário fascinante da cidade que lhes serviu de inspiração e ajudou o fotógrafo a projetar seu nome no meio internacional. Mas, segundo as palavras do próprio Ferrez, também era seu desejo que esses panoramas fossem “tão importantes” quanto a “luxuriante e risonha natureza” do Rio de Janeiro”. (Turazzi, 2005, p.16)

Seu ensaio rigoroso e magistral nos traz com detalhes a arquitetura rica em elementos decorativos e ornamentais e dota a fotografia de um cunho documental e referencial para entender toda uma época. A preocupação com a luz ideal, a perspectiva central para reduzir distorções e a quase ausência total de sombras nas edificações que, podem passar despercebidos para os mais desatentos, corrobora a genialidade de Ferrez. As edificações foram apresentadas em pranchas individuais, com fundo removido e trabalhado, conferindo a imagem uma atmosfera teatral, de uma avenida ideal, sem vida e interferências. As fotos foram realizadas em negativos de grande formato. As dos projetos arquitetônicos foram impressas em

zincografia e, as das fachadas de todos os edifícios, em colotipia¹⁹.

Imagem 46 - Prédio 128,130 132, 1903-1906



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

Imagem 47 - Prédio 128,130 132, 1903-1906



Fonte: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906.

(...) Uma sociedade torna-se “moderna” quando uma das suas principais atividades é produzir e consumir imagens, quando as imagens, que influenciam extraordinariamente a determinação das nossas exigências para com a realidade e são elas mesmas um substituto cobiçado da experiência autêntica, passam a ser indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade da política e para a procura da felicidade privada. (Sotang, 2004, p. 135)

Apesar do rigor no desenvolvimento e o incrível formato final, a obra idealizada por Ferrez teve pouquíssima disseminação e circulação. De acordo com Gilberto Ferrez, após a conclusão do trabalho, Ferrez teria sido obrigado a guardar os mil álbuns na casa onde morava, pois a Comissão que o contratou havia encerrado os trabalhos.

“Quando todo esse material aqui chegou, a Comissão da Avenida Central que o encomendou, já havia terminado e encerrado seus trabalhos. Não havia quem o recebesse e guardasse nem quem o pagasse o saldo das despesas, enormes para Marc Ferrez.” (Ferrez, 1982, p.19)

O destino dos álbuns foi trágico, uma forte ressaca em março de 1913 inundou diversos pontos do Rio de Janeiro e em um dos bairros mais afetados foi o Flamengo ficava a casa onde

¹⁹ Processo que proporciona uma impressão de qualidade, com bom contraste, boa gradação tonal e que aparenta tratar-se mesmo de uma imagem fotográfica de tom contínuo, cujo padrão de retícula só pode ser visualizado sob o exame de uma lupa

a família de Marc Ferrez, na rua Dois de Dezembro – antiga rua Christovão Colombo -, e o porão onde ficavam armazenados os Álbuns foi inundado destruindo dois terços das obras²⁰. Cerca de um mês depois da enchente, Ferrez e sua mulher, a francesa Marie Lefebvre, embarcaram para a Europa e, no primeiro semestre de 1914, quando retornaram ao Rio de Janeiro, alugaram uma casa na rua Voluntários da Pátria 50, em Botafogo, talvez com medo de uma nova ressaca.

Imagem 48 – Ressaca na Avenida Beira Mar



Fonte: Carlos Bippus, 1913, Acervo IMS.

Apesar da pouca circulação do Álbum, no início do século XX, Ferrez passou a reproduzir muitas das imagens na forma de correspondência aberta que eram os cartões-postais. Nessa época os cartões-postais tiveram enorme produção e circulação, tornando-se alvo de colecionismo em muitos lugares.

Por conta do preço acessível e do grande interesse, os cartões-postais alcançaram uma enorme visibilidade e eram capazes de viajar longínquas distâncias. Os cartões de Ferrez circularam maciçamente em diferentes regiões do país e do exterior, e serviram como a imagem do Rio de Janeiro conhecida em todo o mundo, de certa forma, com até mais força que o próprio Álbum teria.

²⁰ ERMAKOFF, George. Rio de Janeiro 1900 – 1930 Uma crônica fotográfica. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.

Vinte anos após o início de seus registros, Marc Ferrez falece. Seu legado fotográfico é um dos mais importantes do mundo, inspirando e servindo de referência para estudiosos não só de fotografia, mas de arquitetura, urbanismo e antropologia. Aos setenta e nove anos, Ferrez não presenciou o declínio dos edifícios e a descaracterização da unidade arquitetônica, iniciada na década de 40.

Nos dias de hoje, a Avenida que já não é Central e sim Rio Branco - seu nome foi mudado, por decreto, em 15 de fevereiro de 1912, para Avenida Rio Branco, uma homenagem ao diplomata e ministro das Relações Exteriores do Brasil, o barão de Rio Branco (1845 – 1912), que havia falecido cinco dias antes -, perdeu muitos de seus suntuosos edifícios e modernizou-se. Escombros temporários tomaram o lugar das fachadas premiadas, à espera de uma nova “roupagem”, advinda do progresso. Na busca de ser o grande centro financeiro do País, ícones da arquitetura e engenharia foram abaixo caso do Edifício do Hotel Avenida, que cedeu espaço para o primeiro arranha céu em estrutura metálica do centro do Rio: o Edifício Avenida Central, que leva o nome de sua época mais glamorosa.

O presente ensaio visual procura revisitar o álbum “Avenida Central: 8 de março de 1903-15 de novembro de 1906” e a atual Avenida Rio Branco buscando os fragmentos desse passado glorioso registrados por Ferrez e explorando o diálogo destes com as edificações, usos e ocupações contemporâneos.

A partir dessa ideia procurei retratar essa avenida contemporânea, que atravessou um século e prestes a completar 120 anos de inauguração se mostra viva, pulsante e renovada. Servindo de artéria para a circulação e transbordo dos cariocas. A avenida que antes era dominada por pedestres, veículos de tração animal e automóveis atravessa o tempo e é palco do sistema de transporte mais moderno disponível no Brasil: o VLT.

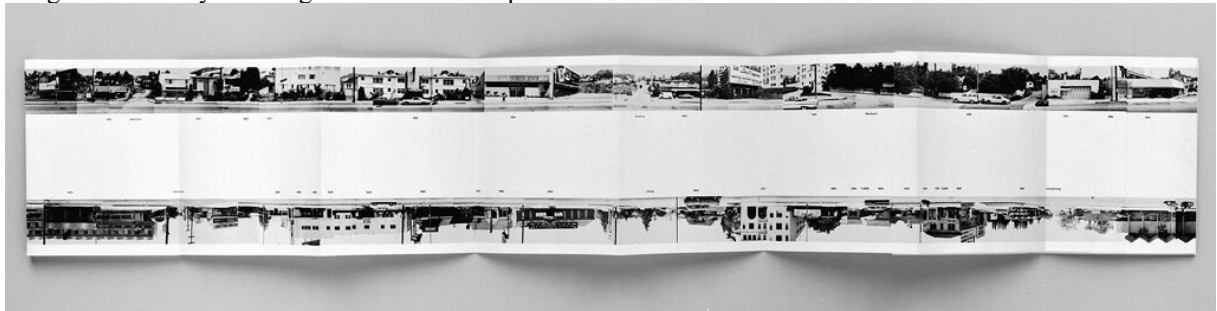
Imagem 49 - Comparativo de escala entre o Hotel Avenida e o Edifício Avenida Central.



Fontes: Avenida Central, 8 de março de 1903 - 15 de novembro de 1906 e Henrique Mindlin Associados Arquitetura.

Para contrapor e ao mesmo tempo articular um diálogo com o trabalho de Ferrez, a escolha da escala adotada e a forma contínua dos registros - sem respiro entre as edificações - criando um grande painel horizontal, busca inspiração em Edward Ruscha e seu conhecido livro *Every Building on Sunset Strip*, publicado em 1966. Ruscha cria um Leporello pequeno à primeira vista, mas que se desdobra em 7,50 m de imagens. Ruscha fotografou todos os prédios e terrenos da Sunset Strip, uma grande avenida de Los Angeles na Califórnia, à semelhança da proposta de Ferrez, mas com uma execução e resultado totalmente diferente. Com uma câmera acoplada à traseira de um caminhão, registrou o percurso, montando as imagens em um grande panorama seguindo a ordem numérica da rua. Pode ser visto de cima para baixo, ou ao contrário, apontando uma visão que se constrói pelo percurso de uma via.

Imagem 50 - *Every Building on the Sunset Strip*



Fonte: Harvard Art Museums/Fogg Museum, Margaret Fisher Fund.

Acredita-se que Ruscha tenha bebido na fonte do trabalho de Yoshikazu Suzuki de 1954, lançado no Japão intitulado “Ginza Kaiwai, Ginza Haccho”. Com todos os edifícios da Ginza Street em duas faixas fotográficas paralelas mostrando os dois lados da estrada. Não há nada que comprove que o livro atravessou o Pacífico, mas a semelhança entre os dois é impressionante.

Imagem 51 - Ginza Kaiwai, Ginza Haccho, 1954



Fonte: Artnet.com.

Assim como Ferrez contrapôs suas fotografias aos desenhos das fachadas em seu álbum, atribuindo a sua fotografia um caráter documental que extrapolava o bidimensional das plantas arquitetônicas, este ensaio contrapõe as fotografias das edificações originais da Avenida Central de Ferrez – aqui tratados como fragmentos remanescentes da Belle Époque Carioca – com as imagens da Avenida Rio Branco de século XXI. Que com a passagem do tempo renovou-se, reinventou-se e verticalizou-se, e que fotografada atualmente, busca referências em Edward Ruscha, para o movimento, enquadramento e costura de imagens de forma contemporânea para retratá-la.

Como Boris Kossoy nos traz em seu livro *Fotografia & História*, a fotografia é um “duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor” (2001. p. 50).

(...) Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos construtivos que lhe deram origem, por outro lado o registro visual nele contido reúne um inventário de espaço/tempo retratado. O artefato fotográfico, através da matéria e da expressão, constitui uma fonte histórica. (Kossoy, 2001, p.47)

A curiosidade de se ter um material que contasse a história do crescimento vertical e das transformações da Avenida Central e o desafio de produzi-lo foram os combustíveis para a

realização do Ensaio. Nos valendo da obra do Marc Ferrez como elemento estruturante e da obra do Edward Ruscha como inspiração contemporânea, o ensaio, busca o registro atual da primeira avenida arquitetonicamente planejada do Brasil.

Os registros da Avenida Rio Branco foram realizados com um celular na vertical, da calçada oposta ao objeto, tentando simular o campo visual do pedestre, buscando a escala humana da cidade para os pedestres, com o objetivo de captar a avenida ativa e em pleno funcionamento. Pedestres cruzando as ruas, indo e vindo, procurando, conversando, comprando, trabalhando, vivendo, flanando. Fluxo constante de veículos, engarrafamentos, vazios. Ambulantes, controladores de tráfego, lojistas, pessoas. Tudo está ali conforme o fluxo natural da avenida. Tudo transitório. Tudo permanente.

O ponto de vista e a forma escolhida para os registros coloca o observador imerso a tudo, e permite que seja visto, questionado e que também faça parte desse emaranhado de atores que dão vida à Avenida Rio Branco. Para essa montagem, uma nova forma de mostrar e explorar as escalas e transformações, foi pensada a sobreposição das edificações. Para as fotografias de Ferrez, com suas majestosas e planejadas edificações, busquei um tom ocre, que era uma cor muito popular e largamente utilizadas nas edificações do seu tempo. Para as fotografias que fiz, uma imersão no cotidiano, escolhi montá-las em preto e branco, como um fundo que recebe e acentua as modificações urbanas. O resultado é uma grande tira de 4,20m de comprimento e 21cm de altura. A montagem possibilita a comparação por sobreposição das duas avenidas: A Avenida Central de Marc Ferrez com a Avenida Rio Branco de Leonardo Martins.

O que se vê ao percorrer as avenidas sobrepostas é um confronto de épocas, escala e arquitetura. O crescimento advindo da modernidade poupou poucas edificações. A experiência de circular pela avenida mudou drasticamente, a verticalização facilitada pelos novos métodos construtivos arrasou quarteirões inteiros e afastou quase que totalmente o sol das calçadas.

Imagem 52 - Sobreposições Avenida Central Rio Branco



Fonte: Leonardo Martins, 2023, Acervo do Artista.

Ao contrário de seu momento inicial, onde orgulhosamente foi apresentada ao mundo em um portfólio fotográfico, a avenida que passou por diversas transformações, não só no nome, mas sob a forma de intervenções profundas e estruturais, e não teve uma documentação à altura de suas mudanças e de seu registro prévio. Afastando-se de críticas quanto ao gosto e a qualidade das intervenções, é claro que a avenida ainda é um ícone viário de importância ímpar para o Estado do Rio de Janeiro. Suas novas edificações, seus novos usos, novos meios de transporte e relação entre usuários são transformações impensadas para a época de sua abertura e registro. Seu novo bulevar pedonal que convida aos pedestres a caminhar entre a Avenida Nilo Peçanha e a Avenida Beira Mar, seria inimaginável em um tempo em que as cidades eram pensadas para facilitar os deslocamentos automotivos.

Todos esses elementos são objetos do olhar que produz o ensaio. Um documento visual de um recorte temporal. Comparativo e referencial sobre a intervenção humana ao longo dos anos em uma avenida planejada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da Avenida Central como objeto de estudo para as extrapolarmos as ideias de Benjamin sobre ruína e progresso, cria uma sensação de que o “progresso” foi tão rápido que não foi capaz de produzir ruínas, e sim escombros. Escombros temporários, e até reutilizáveis, como no caso do desmonte do Morro do Castelo que originou parte do Aterro do Flamengo.

"O que permanece das ruínas é um lembrete constante da transitoriedade e da inevitável mudança que afeta tudo ao nosso redor." (Dillon, 2011, p.11)

Uma cidade consolidada que almejava ser admirada e símbolo do progresso, necessitava se livrar de seus estigmas rapidamente. Espelhando-se no modelo europeu de cidade moderna, rasgou uma avenida no meio do centro histórico, ligando seus principais pontos, o porto novo à enseada da Glória.

Arrasamentos, obras, remoções e sobreposições de uso. Sai a área majoritariamente residencial e abre-se um portal para o comércio e serviços. Estava pronto o novo cartão postal da Capital Federal. E para divulgar isso, lá esteve Marc Ferrez.

Imagem 53 - Cartão Postal Avenida Central



Fonte: Marc Ferrez, 1907

Para o tamanho das intervenções e as consequências geradas, é fácil pensar que durou muito tempo a Avenida Imaculada. Em menos de 40 anos seus grandiosos edifícios foram um a um sendo substituídos. A cidade se verticalizava e a unidade deixava de ser a prioridade da época.

Ao longo do tempo a Avenida ganhou muita notoriedade por servir como palco para grandes eventos e manifestações populares. Foi palco de muitos desfiles de Carnaval, com ou sem as Escolas de Samba. Foi ponto de encontro de muitos foliões e batalhas de bate-bolas. Também foi o palco de grandes manifestações, como a passeata dos 100 mil, os “cara-pintadas” e protestos de diversas classes de trabalhadores contra perdas de direitos e descompromissos públicos.

O ensaio propõe revisitar essa avenida centenária, importante e cheia de simbolismos. Registrar é carregar consigo a história e criar a possibilidade de se ter um recorte do espaço-tempo para futuras gerações. Um ensaio do século XX e um novo ensaio do século XXI. Dois registros temporais com uma carga enorme de representação temporal. Ao sobrepor-los podemos mergulhar nos contrastes das formas, escalas e linguagens.

Desenvolver esse novo ensaio me permitiu uma reconexão com a Avenida Rio Branco, a qual acompanho e documento desde 2018. Voltar a ela em tempos pós-pandemia trouxe algumas descobertas, muitas transformações e uma sensível diminuição da circulação de pessoas. O centro que há anos vinha em um grande movimento de esvaziamento em função da grande mudança de hábitos e costumes aliada a descentralização de serviços viveu seus momentos mais difíceis na pandemia e pós-pandemia.

Muitas empresas saíram do centro com o crescimento do home office e muitas lojas e agências bancárias fecharam. Ainda hoje temos muitos imóveis vazios e um grande esforço para favorecer a ocupação. Mas novos ventos sopram com incentivos à ocupação artística de imóveis vazios.

Como fotógrafo de Arquitetura e Cidades e Arquiteto e Urbanista me sinto responsável por contribuir de alguma forma para o registro temporal da cidade e venho fazendo isso de forma regular nos últimos dez anos. Sigo torcendo para que meus novos registros captem uma cidade mais viva, inclusiva e sustentável.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Viviane da Silva. **Fragmentos urbanos da modernidade: a fotografia em Buenos Aires e no Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

BARBARENA, Ricardo. Quando os operários mortos visitam Brasília: os espectros fotográficos em Imemorial, de Rosangela Rennó. **Revista Poiésis**, Niterói, n. 13, p. 93-104, ago. 2009.

BARRETO, Lima. **Bruzundangas**. São Paulo: Editora Mérito S/A, 1952.

BARROS, Mariana G. Monteiro de. **Marc Ferrez e o Rio de Janeiro de seu tempo**. 2008. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: L&PM, 2018.

BENJAMIN, Walter. A pequena história da fotografia. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. O caráter destrutivo. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. São Paulo: Editora Autêntica, 2012, p. 09-20.

BRANDO, Celso. **Edifício Avenida Central**. Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação, UFRJ/FAU: Envelope nº 1637 do Fundo Fotográfico de Celso Brando Título: Henrique Mindlin Arquitetos Associados LTDA - BANERJ, Avenida Central e Sinagoga - caixa 1621-1800 (Conteúdo: fotografia em negativo do Edifício Avenida Central). Rio de Janeiro, 2024.

BRASILIANA FOTOGRAFICA. Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>. Acesso em 07 ago. 2024.

DILLON, Brian. **Ruins: Documents of Contemporary Art**. Boston: MIT Press, 2011

ERMAKOFF, George. **Rio de Janeiro 1840 – 1900** Uma crônica fotográfica. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.

ERMAKOFF, George. **Rio de Janeiro 1900 – 1930** Uma crônica fotográfica. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2006.

FERREZ, Gilberto. “A Avenida Central e seu Álbum”. In: FERREZ, Marc. **O álbum da Avenida Central**: Um documento fotográfico da construção da Avenida Rio Branco, Rio de Janeiro, 1903-1906. São Paulo: João Fortes Engenharia & Editora Ex-Libris, 1983.

FERREZ, Gilberto. **A Muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro**: quatro séculos de expansão e evolução. Marcel Mouillot, 1965.

FERREZ, Gilberto. **O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez**: paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/Editora Ex-Libris, 1984.

FERREZ, Marc. **Avenida Central**: 8 de março de 1903-15 de novembro de 1906. Rio de Janeiro, 1906.

FERREZ, Marc. **Rio**. São Paulo: IMS, 2015.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução José Luiz Pereira da Costa. - 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. O Tempo da Escravidão. Tradução: Kênia Freitas, Cíntia Guedes e Matheus Araújo dos Santos. **Revista Periódicus**, Salvador, v.1, n.14, p. 242–262, nov./ abr. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Brasília, DF: IBGE. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150321185233/http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>. Acesso em 28 dez. 2023.

IMS – Instituto Moreira Salles. **Marc Ferrez**; Apresentação. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://ims.com.br/2017/08/28/sobre-marc-ferrez/>. Acesso em 16 ago. 2023.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEFEBRVE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LOOS, Adolf. **Ornamento e Delito**. Traduzido por Anja Pratschke. São Paulo: USP. 2001-2002. Disponível em: <https://www2.fag.edu.br/professores/solange/HISTORIA%20DO%20BARROCO%20A%20CONTEMPORANEIDADE/Adolf%20Loos.pdf>. Acesso em 11 jul. 2023.

MAGALHÃES, Roberto Anderson M. **Preservação e requalificação do centro do Rio nas décadas de 1980 e 1990**: A construção de um objetivo difuso. São Paulo: Unesp, 2002.

MONTEIRO, Charles. Documento, memória e arquivo na arte contemporânea: algumas

reflexões sobre a obra fotográfica imemorial de Rosagela Rennó. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.8, n.14, jan./jun.2016. ISSN-2177-4129. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>. Acesso em 05 ago. 2023.

PAIXÃO, Claudia Miriam Quelhas. *et al.* O uso do espaço urbano do Rio de Janeiro no início do século XX: engenheiros e populares. *In*: Simpósio Nacional de História, 25., 2009, Fortaleza. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_da287213fd44e0a4a96b0fd4c082f372.pdf. Acesso em 05 ago. 2023.

PAULI, Dante Ragazzi. **O saneamento no Brasil**. São Paulo: Cetesb, 2023. Disponível em https://cetesb.sp.gov.br/proclima/wpcontent/uploads/sites/36/2014/11/1sabesp_saneamento_brasil_abes2011.pdf. Acesso em 15 out. 2023.

RIBEIRO, Fernanda de Azevedo. A Cinelândia através do tempo. **Minha Cidade**, São Paulo, ano 21, n. 245.02, Vitruvius, dez. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/21.245/7972>. Acesso em 27 jan. 2024.

RIO MEMÓRIAS. **A Avenida Central**. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/a-avenida-central/>. Acesso em 28 dez. 2023.

ROCHA, Osvaldo Porto. **A era das demolições. Rio de Janeiro**: Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RUSCHA, Edward. **Every Building on Sunset Strip**. Los Angeles: Livro auto publicado, litografia offset, 1966.

RUSCHA, Edward. **Then & Now**. Los Angeles: Steidl, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**. Rio de Janeiro: Editora Scipione, 2001.

SIMAS, Daniele. **O desmonte do Morro do Castelo**. Fundação Biblioteca Nacional, 220. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/o-desmonte-do-morro-do-castelo>. Acessado em 11/03/2024.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TURAZZI, Maria Inez. Cronologia. *In*: IMS – Instituto Moreira Salles. **O Brasil de Marc Ferrez**. São Paulo: IMS, 2005.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e trejeitos**: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889). Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

VASQUEZ, Pedro Karp e PEREGRINO, Julia. **Família Ferrez: novas revelações**. Rio de Janeiro: Ed. CCBB, 2008.

VASQUEZ, Pedro Karp. (org). **Mestres da fotografia no Brasil**, Coleção Gilberto Ferrez. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1995.

ZAGARI-CARDOSO, Sandra. **Avenida Central**: Arquitetura e Tecnologia no Início do Século XX. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura PROARQ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2913->

a-avenida-central. Acesso em 28 dez. 2023.

ZAHAR CARVALHO, J. M. **História do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras, 1999.